

ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA



CUMPRIMENTOS DO ANO
(Desenho de Stuart Carvalhaes)

11 Série—N.º 410

Lisboa, 29 de Dezembro de 1913

DIRECTOR E PROPRIETARIO J. J. DA SILVA GRAÇA EDIÇÃO SEMANAL DO JORNAL O SÉCULO Assinatura para Portugal, colonias portu-
 guezas e Hespanha:
 Editor: JOSÉ JOUBERT CHAVES
 Redação, administração, off. de composição e impressão Rua do Século, 49 Trimestre..... 1800 cent. Semestre..... 2640 cent.
 Ano..... 4800 cent. Numero avulso 10 cent.

Agencia da ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA em Paris, Rue des Capucines, 8.

Esse magnifico
anel ao padrão **GOLDFILLED**

é absolutamente garantido por 5 annos e torna-se a comprar depois de usado á razão de 12 centavos o grammu.



Por 23 centavos sómente. Porte: 7 centavos.

Com a mira de fazer conhecer o nosso catalogo illustrado de joias de GOLDFILLED, o melhor padrão que haja mandaremos-lhe uma dessas lindas argolas de qualquer dimensão (para senhores, senhoras e crianças). O preço da gravura sobre o selo é de 28 centavos para uma inicial, e 33 centavos para um enlace de 2 iniciaes, segundo esse gravado. Essas argolas são de verdadeiro GOLDFILLED e garantimos que conservam a sua cor e a sua belleza durante cinco annos. São muito estimadas em Paris, onde se encontra o verdadeiro centro da fabricação da joalheria. Somos os maiores fabricantes de argolas, do mundo inteiro, e a nossa joalheria GOLDFILLED é conhecida pela sua excellente qualidade em todas partes.

NOTA. — Para o tamanho sirva-se recortar um furo num papelão e mandarnol-o com um mandato internacional o «coupons-réponses Internationaux» (nenhum sello). V. S. receberá a argola e o nosso catalogo na volta do correio.

Regamos aos senhores comerciantes que peçam os nossos catalogos de venda por atacado.

SIMS & MAYER Dep. 4—62, rue Sainte Lazare, PARIS.

ULTIMA INVENÇÃO NORTE-AMERICANA

LUZ A GAZOLINA

Wigard



UNICA QUE ACENDE COM UM FOSFORO COMO O GAZ E TENHO UM PODER ILLUMINANTE DE 500 VELAS, APENAS CONSUME UM LITRO DE GAZOLINA EM 24 HORAS, PEDIR INFORMAÇÕES A PARAIZO, PE-REIRA & C.ª — COIMBRA

Pelo-se representantes em todos os concelhos



PARA QUE VIVER?

triste, miseravel, preocupado, sem amor, sem alegrias, sem felicidade, quando é tão facil obter fortuna, saude, arte, amor, correspondido, ganhar aos jogos e loterias, pedindo a curiosa brochura gratis, em portuguez, do professor **YTALO, 35, Boulevard Bonne-Noub-ile, 35 - PA 1.**

O passado, o presente e o futuro

REVELADO PELA MAIS CELEBRE CHIROMANTE E FISIONOMISTA DA EUROPA

MADAME BROUILLARD



Diz o passado e o presente e prediz o futuro, com veracidade e rapidez; é incomparavel em vaticinios. Pelo estudo que fez das ciencias, quimicas, cronologia e fisiologia e pelas applicações praticas das teorias de Gall, Lavater, Desbarrolles, Lambrose, d'Arpenligney, madame Brouillard tem percorrido as principais cidades da Europa e America, onde foi admirada pelos numerosos clientes da mais alta categoria, a quem predisse a queda do imperio e todos os acontecimentos que se lhe seguiram. Fala portuguez, francez, inglez, allemão, italiano e hespanhol. Dá consultas diarias das 9 da manhã ás 11 da noite em seu gabinete: 43, RUA

seguram. Fala portuguez, francez, inglez, allemão, italiano e hespanhol. Dá consultas diarias das 9 da manhã ás 11 da noite em seu gabinete: 43, RUA

Sabonete preparado com os saes das Aguas

de **Aizella**

o melhor para a pelle

ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

CRONICA

29-12-1913

N.º 410

Uma sufragista

Ha dias, no *Palais Bourbon*, entrou lady Lillian Glenworth, trazendo uma regaçada de rosas frescas e pedindo assinaturas de deputados para um manifesto sufragista. Por cada assinatura dava uma rosa. Choveram tantos nomes, de todos os lados, — que, n'um momento, acabaram-se as flores. Lady Lillian Glenworth, na nevoa d'ouro dos seus cabelos, no claror dos seus olhos ver-



des, atravessava as bancadas da Camara como um sorriso, como uma imagem luminosa da primavera. Perante ella, os deputados mais conservadores foram sufragistas, sem discutir, sem hesitar. Se a tivessem visto, o proprio Strindberg, o proprio Nietzsche, misóginos intransigentes, assiniariam a representação com o *tout le monde et son père*. — Que distancia entre lady Glenworth e mistress Pankhurst! — acentuou o sr. Millerand ao vê-lo passar. Não ha duvida. Toda



a distancia que vae de uma mulher feia para uma mulher bonita.

Fim do ano

D'hoje a dois dias extinguir-se-ha, pela mesa alegre dos *reveillons*, na espuma do ultimo champagne, o ano de 1913. O cuidado que o homem põe na contagem minuciosa dos anos que vive o mundo e dos anos que elle proprio vae vivendo, essa convenção aritmetica que está longe de ser a expressão da idade de um organismo, — é, sem duvida, um dos motivos



que tornam infinitamente dolorosa a velhice humana. Como o relógio fatal do *Fausto* de Marlow, que avançava e media as ultimas horas de uma existencia, — o tempo que contamos envelhece-nos muito mais depressa do que o tempo que vivemos. O calendario é o nosso maior inimigo. O calendario apressa-nos a morte. Por isso o velho Luigi Cornaro, que viveu mais de cem anos, invejava a decrepitude sagrada e tranquilla dos animaes, — que não contam a vida e que envelhecem sem o saber...

Policia amador

Alguns jornaes estrangeiros referem-se á «tragedia de Portugal.» Porque corre o san-



gue nas ruas? Não. Porque appareceu entre nós uma figura misteriosa, uma figura vesga, uma figura obliqua: Homero de Lencastre. Mas, pelo amor de Deus! Homero de Lencastre não pertence á tragedia; pertence ao romance policial. Não é Shakespeare; é Conan Doyle. Não é Sherlock; é Nick Winter. Entre nós, o seu unico interesse é o dia exceção. Esse tipo cosmopolita, conhecido da policia de todos os paizes, ainda não tinha chegado a Lisboa. Surgiu agora, sob uma forma que contunde a nossa nobreza, a nossa ingenuidade, a nossa bonhomia fundamental, — porque, em que peze á senhora de Bedford, isto ainda é um paiz de gente boa, ingenua e honesta. Mas não nos desconsolemos. Homero de Lencastre vem com o progresso. E nós não podemos ter a pretensão de exigir que o progresso seja sempre rigorosamente moral.



JULIO DANTAS.

(Ilustrações de Manuel Gustavo)

O ARCO DA VELHA



i

Pelo meio da tarde, depois da espedelada, as moças puseram-se a caminho, batendo a poeira de restolho por entre os silvados e as hortas.

— Não que então... um calor assim!...

— Não façais pó! Batei de alto!... Ele que horas são?...

— Vai passando das cinco... E ainda vamos ter trovoadas. Vós não vendes aquela nuvensinha negra, lá baixo, ao galo?...

— E' um milhafre, não é nuvem.

— E' nuvem, e vós vereis.

Nas eiras, de onde em onde, quando as moças salvavam, uma figura isolada, com o chapéu de palha derribado para os olhos, espalhava em redor as vagens torcidas dos feijões novos, que se mirravam do sol batido em pancada sobre o alpendre e as lages.

Ja o espaço pesado e mais baixo, numa grande nuvem de oiro sujo, que de continuo engrossava e subia, lá a distancia, como um enorme rolo de vagem a espriar-se.

Para os lados da barra, outra nuvem, mais temerosa ainda, listrava-lhe dum negro aveludado e quente a orla brilhante e extensa. Parecia que nas terras tudo havia parado, de um grande ar estranho que dominava e oprimia a paisagem, abismando-a em sédes dolorosas. E então, mais constantes, as moças afoitaram-se, dobrando de cuidados pelo caminho a percorrer. Duas delas, ao alto de Prazins, rodaram sobre a direita, com destino á aldeia de S. Bento, receiosas da tarde que começava a entenebrecer e a entontecê-las. Quasi dormentes de cansaço, um como que lume de brazas mordida a terra por que batiam na borda aspera dos ortigais empoados.

— Rodai depressa, que êle é noite!...

— Daqui lá vão duas horas.

— Deixa-lo...

— Adeus, ó Luiza! Agora não te botes ao rio!...

— Adeus, adeus!...

E perderam-se de vista, entre os caminhos de tojo empedrados e ardistos.

A's azenhas do Brocas — um misântropo selvagem que mordida iras daninhas com ter perdido a filha, de um rapto — já a pequenina nuvem negra do longe havia alastrado extraordinariamente, de modo a cobrir todo o fundo endurecido e monótono do horizonte. Agora era o sol que surgia a toda a imensa margem desse pano de veludo sombrio e pesado, debruando-o de oiro numa fulguração tam viva e pertinaz como o reflexo insidioso de uma lâmina. No pinheiral que subia do rio verde ao montado fronteiro, as ramarias espessas

envolviam-se na luz empoadada de cinza, quietas e tristes, como num pronuncio da noite... Uma estrela lucilou sobre os olmeiros do vale distante, entre um rasgão de nuvem desmaiada e celeste.

Galos de inspiração, pelas devezas caladas, cantavam. E ás raparigas, cansadas de galgarem montados e vales sob a ducha pertinaz do sol escaldante, vergava-as agora a fadiga, e já sobre os seus rins, numa impressão ardente e dorida, as roupas pareciam corta-las a golpes profundos e duros de instrumento. Perturbadas da atmosfera pesada e calorenta, com que o espaço se esverdinhava, da filtração tenue do sol, desenrodilhavam, afilias, os lenços de algodão, que lhes picavam o pescoço gordo e suado. E foi nessa hora de panno e sédes que uma delas, a quem o sangue picava a pele, como um crivo de espinhos, num violento desassocego de herpetica, lembrou sorrindo, e sem que refletisse nos perigos da trovoadas a desabar, o lançarem-se ao rio, lá ao deante, entre os salgueiros do Brocas, que quasi fechavam uma ilha, a mais escondida do sitio.

— Não ha perigo... Vós vereis!...

— E os homens que andam na canoa?...

— Nenhuns, tolas!... Por ali não ha.

Pensaram duvidosas... Mas de repente, todas as tres, como de um só impulso, desataram a correr, gritando e rindo, pelo carreiro de ervas secas que por longo espaço acompanhava o rio.

— O' Luiza, espera!... Esperal por mim!... — gritava uma, a mais velha, correndo e rindo.

Da porta do moleiro, triste, da escuridão do interior, que apenas se iluminava com um quarto da janela, pelo sol filtrado atravez as vides, ouvia-se dentro a mó do Brocas correr e trilhar o pão dos cavadores, atalegado á rasa. Em correria desordenada, fazendo voar os lenços, iam já longe quando a primeira fez alto, abatendo-se de chofre na terra, para se despir. Em redor tudo eram verduras: nos salgueiros que esperavam a linha indolente e incessante da água; nas silvas espessas e enraizadas, cobrindo a longa margem do rio estreito e como que abraçado da paisagem; nos tufos de carvalho, jorrando das fendas a meio da corrente, que abriam sobre a água verde um punhado de folhagem ainda mais verde e viçosa.

Mas de subito, pelo espaço, com durezas de bronze, entre os farrapos escuros das nuvens, immediato a um relâmpago, um trovão estala e revoa, soturno e enorme, fazendo estremeecer ao arvoredo velado e triste o coração irrequieto, que agora se sentia tomado dum pavor infantil. Com remorso e pudor as raparigas apertaram sobre os seios e o ventre, já desnudados, as roupas de chita, comprimidas a monte. Por um momento ouviram o seu coração bater, chamar ansioso á taboa

do peito que o fechava, sentindo toldar-se-lhe a vida. E logo veio o vento, que marulhou nas arvores dem redor, dobrando-as, arpejiadas, numa ondulação de frio e monotonia, seguida de uns pingos de água, ligeiros, que incertamente bateram na polpa do rio, tornando-o mais indiferente e soturno.

— Vamos, Luiza... Vai chover! — rogava uma delas, procurando as roupas.

— Mas tu tens medo? Olha para mim!

E correu para o silvado, despenhando-se na corrente, onde o seu corpo forte e claro logo começou cortando sob a água, avulhado e elástico como uma rã desenvolta e feliz.

O movimento audacioso de Luiza, formado de todo o impulso da sua vida nova e ligeira, renovou nas companheiras a sua já apagada alegria pelas águas verdes do rio.

Mas, afinal, podia nadar-se, porque a trovoadá bem por certo que iria distante!... Então as duas

que tam lindo lhe parecia, moremo e espelhado, á maneira da academia de um bromze.

O diálogo e as gargalhadas alongaram-se, tanto que já os seus corpos, inclinados nas ramas verdes e tenras, haviam enxugado e perdido o brilho límpido de estatuas, quando uma flexa esverdilhada de relâmpago, subitamente lançada no ar melancólico e toldado, se reproduziu na água, deixando a paisagem envolta numa tristeza maior. Cobrindo o seio com os braços nus, as três raparigas empalideceram, silenciosas e tremulas, da vibração forte e instantanea do relâmpago verde e furtivo. Passados momentos ao longe, já muito mais longe e para o norte, um trovão estalou e reboou, truculento e vario. Nova carga de chuva picou na água umas ondulações incertas, e as arvores varejaram de novo, de vendaval, num ar frio e contrariado.

Mas eis que novamente o sol rompe, atravez um pano de nuvens, a que já se vinham sucedendo



moças ergueram-se de impulso, e, conjuntamente num grande movimento de audacia, os dois corpos abateram-se n'água: com um peso de fardos, largando em direção á rocha colmada de folhagem, que se impertigava, muito vestida e redonda, a meio d'aquella ilha do Brocas, em Brito.

Nuas e todas brilhando no ventre forte, nos seios altos e nas pernas lisas e duras, da sua mocidade, e á luz de prata coada atravez a folhagem rendada dos choupos, elas riam uma das outras, olhando interessadas as formas graciosas dos seus corpos, nos quais para cada uma das outras havia uma novidade ou um equivoco, singularissimos. Duma, eram as ancas modelares, que as folhagens agora roçavam, como estreitando-as; doutra, mais redonda e clara, era a firmeza dos seios curtos e gordos, todos doirados de côr e esticados por veias finas e inumeras, como raizes; e da outra, daquela unica que toda se inclinava sobre o frouchel verde e macio das ramagens de carvalho, na lapa, dessa era o ventre redondo e liso,

longas e novas mostras do ceu calmo e luzente. Parecera um aviso de bonança aquella projecção duma faxa extensa e baça, cortada do espaço e ligeiramente empoeirada de oiro..

Já outra vez alegres e com as carnes cortadas de fadiga e calor, as raparigas se inclinaram, mergulhando na corrente verde e lisa os corpos novos e duma vida irrequieta e brilhante.

Foi então que, a meio do rio, a Luiza gritou, subitamente sacudida e exultante! As outras, erguidas de repente, ao estranho alvorço dos seus brados alegres e com a água escorrendo-lhe dos ombros, ficaram quietas e olhando ao longe, lá para onde ela ansiosamente apontava, atraídas pela beleza singular das côres que se esbatiam sobre os salgueiros molhados, refletindo-se em baixo, como num grande arco invertido, ao fundo da avulhada e doirada quietude do rio.

— E' o Arco da Velha!

E logo ao lado uma das outras aconselhou, num aviso de instinto:

— E' noite. Vamo-nos. Olhai que o vento torna quente. Deixai lá...

— Não. Eu vou até além! — retorquiu a Luiza,

Mas, de subito, uma gritou aturdidamente, gritam mais as duas, de mãos afritas apertadas na frente, quando os dois seios passaram confusa-



apontando o sitio, nas ondulações distantes, onde se projectavam as côres violentas do iris.

— Não, maluca! Não queremos. Podem ver-te do moinho do Brocas ou acontecer-te alguma coisa...

Qual!... O Brocas a esta hora está como um carro, a esmurrar a moega. Vinde comigo!

E abriu os braços claros para as águas, fundindo com elles todo o seu corpo de flores, que logo começou a cortar sob a corrente, aterciopelada com a sua nudez pubere e deigada a caminho do grande efeito luminoso, na distancia.

As outras, a meio do rio, acompanhando-lhe com o olhar imovel as braçadas violentas, viam-na chegar junto das côres que doiravam lá diante o lume do rio, onde os seus cabelos pareciam já tornados numa rama de lume, e onde os seus braços claros brilhavam como o aço.

mente á tona da água batida do sol e os seus braços arqueados lutavam como dois grandes remos e affritivamente.

— Luiza?! Luiza?!

— Nossa Senhora! Foge!...

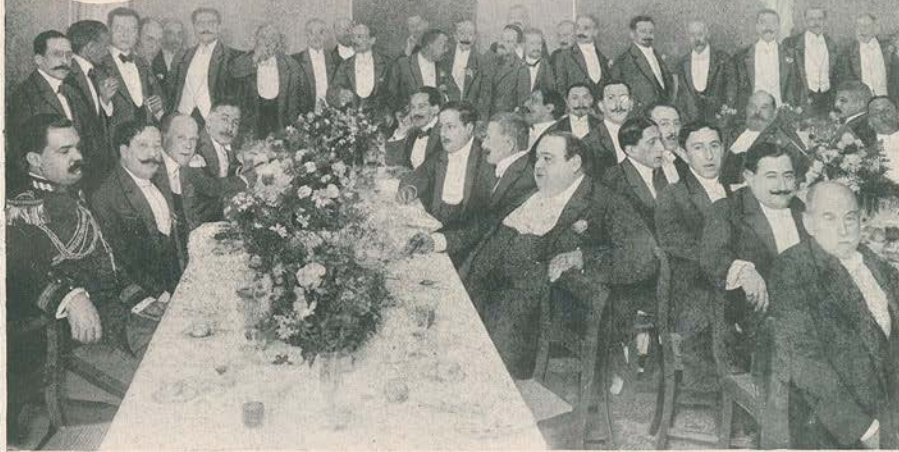
Luiza?!

— Acudam! Acudam! — gritavam, correndo para a margem.

E á noite, quando a lua de Agosto, redonda e de bronze, passou lenta e abstratamente sobre os salgueiros e as águas, ia um protesto de ódio de cada coração camponês para a insua maldita!...

ALFREDO GUIMARÃES.





Dr. Julio Dantas.—2. No banquete d'homenagem ao illustre escritor Julio Dantas ao qual assistiram o chefe do governo, ministro dos estrangeiros e grande numero d'escriptores, pintores, escultores e jornalistas admiradores do homenagenado.—(Cliché Benollet)

O banquete oferecido a Julio Dantas teve a alta significação d'unir a politica e a literatura sob o governo republicano, o

que tanto se descurou no passado regimen e constituiu uma merecida homenagem a um dos mais illustres escriptores nacionaes.



José Inacio da Luz, chefe de secção dos bombeiros que completou 50 annos de bons serviços.

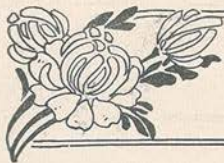
E' dos mais antigos da corporação este bombeiro, cuja vida é uma verdadeira serie d'heroicidades como o proyam as folhas de serviço e as medalhas d'esse bravo que ao completar os seus cincoenta annos de trabalhos na corporação foi muito festejado pelos seus camaradas.



A visita do Chefe d'Estado á Escola Officina n.º 1.—(Cliché Benollet)

O Chefe de Estado visitou a Escola Officina n.º 1 onde se ministra o ensino n'uma forma de liberdade á creança e

que tem dado os melhores resultados não lhe pougando o sr. dr. Manuel d'Arriaga os seus elogios.



JE T'EN SUPPLIE!

Andantino con affetto.

Alfred Napoleon. OP. 36.

N° 5.

The musical score is written for piano and consists of five systems of music. Each system contains a grand staff with a treble clef on the upper staff and a bass clef on the lower staff. The key signature is three flats (B-flat, E-flat, A-flat), and the time signature is common time (C). The score begins with a first ending bracket over the first three measures of the first system, marked with an '8' above the treble staff. The first system includes a piano (*p*) dynamic marking. The second system continues the piece. The third system features a mezzo-forte (*mf*) dynamic marking in both staves. The fourth and fifth systems complete the piece with various melodic and harmonic developments.



COMPOSIÇÃO DE
ALFREDO NAPOLEÃO



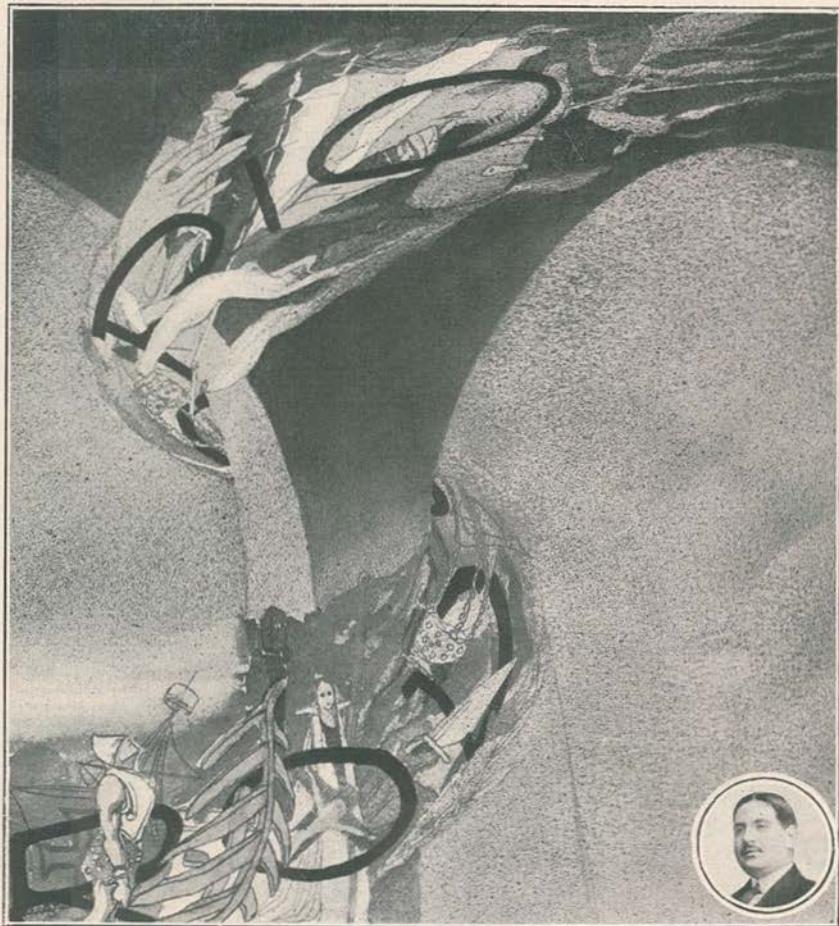
mf *cres.*

f *cres.* *agitato.* *ff*

molto esp. *p subito* *ritl.* *pp a Tempo*

mf *pp* *coll.*

Fin.



Volteiam dentro de mim.
Em rodopio, em novelos,
Milagres, ulvos, castelos,
Forças de luz, pesadelos,
Altas torres de marfim.

Ascendem helices, rastros...
Mais longe coam-me sois ;
Ha promontorios, farois,
Upam-se estatuas d'heróis,
Ondelam lanças e mastros.

Zebam-se armadas de côr,
Singram cortejos de luz,
Ruem-se braços de cruz,
E um espelho reproduz,
Em treva, todo o esplendor...

Cristais retinem de medo,
Precipitam-se estilhaços,
Chovem garras, manchas, laços...
Planos, quebras e espaços
Vertiginam em segredo.

Luas d'ouro se embebedam,
Raiñas destolham lirios,
Contorcionam-se cirios,
Enclavinham-se delirios,
Listas de som enveredam...

Virgulam-se aspas em vozes,
Letras de fogo e punhais;
Ha missas e bacanaís,
Execuções capitais,
Regressos, apoteoses,

O sr. Mario de Sá-Carneiro, autor do interessante livro de versos "*Dispersão*", de que extralamos esta vigorosa poesia que bem de... mostra o fogo do seu estro.

Silvam madeixas ondeantes,
Pungem labios esmagados,
Ha corpos emaranhados,
Seios mordidos, golfados,
Sexos mortos d'anseantes...

(Ha incenso de esponsais,
Ha mãos brancas e sagradas,
Ha velhas cartas rasgadas,
Ha pobres coisas guardadas—
Um lenço, fitas, dedais...)

Ha elmos, troféus, mortalhas,
Emanações fugitias,
Referencias, nostalgias,
Ruínas de melodias,
Vertigens, erros e falhas.

Ha vislumbres de não-ser,
Rangem de vago, neblinas;
Fulcram-se poços e minas,
Meandros, paus, ravinas
Que não ousou percorrer...

Ha vácuos, ha bolhas d'ar,
Perfumes de longes ilhas,
Amarras, lenes e quilhas—
Tantas, tantas maravilhas
Que se não podem sonhar!...

Os pescadores de Vila Franca



Calmaria

Agora por esta época e nos mezes que vão até maio, essas pitorescas regiões de Vila Franca e Azambuja teem uma mais agitada vida. E' que chegam as campanhas de pescadores d'Ovar, Estarreja, Murtosa, gente tsnada, nas suas meias luas, com os seus gorros enterados até ás orelhas, cheia de frio com as geadas grossas, tremula nas castorinas dos casibeqes emquanto o puxar da grossa rede mão a aquece com o auxilio da golada da cabaça d'aguardemte.

Chegam do norte, da região trabalhadeira que é a faixa de terra junto ao oceano largo, a patria ovarina (por excelencia



Depois da venda



Lavando as gigas

onde as mulheres são lindas e os homens generosos e acampam em Vila Franca nos barracões da praia e na Azambuja na antiga casa do Palácio onde se recolhem à noite da sua faina na pesca do savel.

O mar de Vila Franca até Valada é belo viveiro d'esse peixe espinhoso mas de tão delicado sabor que sempre fazia parte dos festins dos nossos avós como um mimo nas épocas da sua pesca e quando o portuguez



O amor pelo velho barco



sabia comer. Os pescadores sabem quanto tem valor o savel e, então, aos quinhentos a seiscentos pescadores habituaes da Vila Franca veem juntar-se as ovarinas em numero quasi igual, chegando a encontrarem-se aos tresentos na Azambuja.

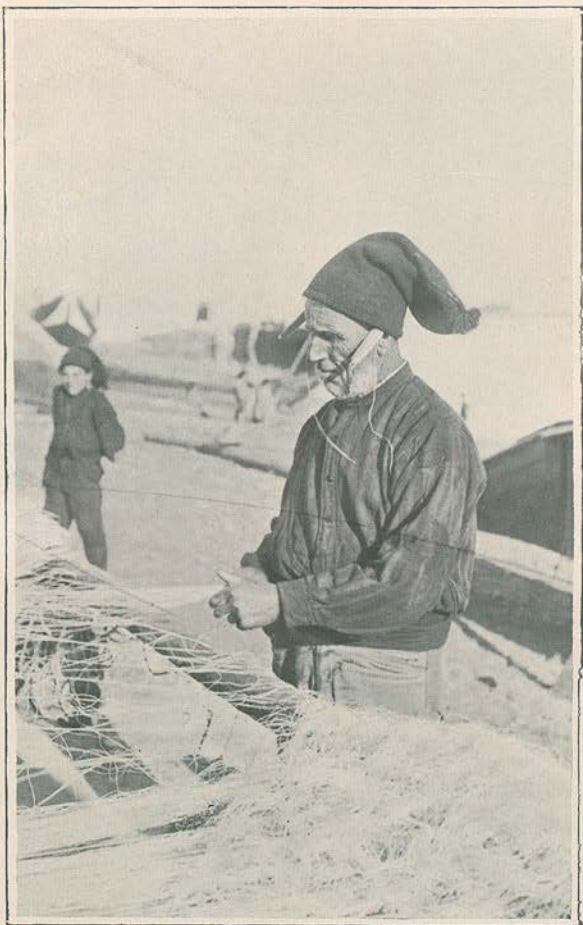
Aquelas companhas que correm riscos, tambem obteem lucros n'uma divisão certeira e egualitaria que antes dos economistas tratarem dos principios associativos já por elles tinha sido compreendido e posto em pratica.

Chegam para o trabalho, atiram a rede e vão fazendo a sua pesca com acerto, mergulhando as redes grossas, fazendo a colheita e recebendo cada um d'elles, conforme a sua categoria, o salario. Ao cabo de todo o tempo em que servem n'aquella epoca é o lucro dividido em partes correspondentes a cada posto começando o arraes por ter a maior e sendo as dos outros proporcionaes.

O savel vende-se n'este tempo de duzentos e vinte a duzentos e quarenta réis o kilo, o que dá uns quinhentos réis por cada peixe e como ha este ano grande abundancia, boa deve ser a receita dos pescadores ovarinos e dos que habitam todo o ano em Vila Franca.

São modestas mas limpissimas as

suas moradas abarracadas da rua Direita e do Largo da Feira, onde pelas portas entreabertas, e-m cujos humbraes ha sempre uma rede, se divisam as mesinhas carregadas de buzios, as cadeiras de tabúa e uma minhada de pequenitos brincando ao sol, enquanto não vão nadar para as aguas douradas como golfinhos.



Fazendo rede

As mães entregamnos geralmente a alguma irmã-sita mais crescida ou a alguma avó rugada que vae fazendo a sua meia grossa para os homens calçarem sob as grandes botas d'agua, porque não param em casa as mulheres dos pescadores de Vila Franca.

O principio d'associação tambem entre os casaes se mantém n'uma tradição que dá prosperidade. O marido trabalha mas a mulher coadjuva-o largamente.

E assim todos os dias os comboios de Vila Franca trazem nos seus «fourgons» as gigas com os saveis, as tainhas saborosas, os linguadros pequenos,

que são sem igual e que são pescados além no rio e nas terceiras classes ranchadas de mulheres que vão ficando pelos apeadeiros ao longo da linha até Cabo Ruivo.

Na passagem do comboio saltam para terra, escolhem a sua canastra e atravessam logo pelos atalhos di-

reito aos povoados onde vendem o seu peixinho fresco que Lisboa—a maltratada—raramente saboreia desde que o progresso trouxe os vapores de pesca e os modernos frigoríficos: os maiores inimigos do bom cosinhado de peixe.

Cabo Ruivo, Olivares, Sacavem, Moscavide veem-nas passar cobertas de poeira e sequiosas pelos verões levando as pescarias, agora os saeves que constituem hoje o grande commercio de Vila Franca onde as companhias se instalaram com todo o seu pessoal trabalhador e pitoresco.

boas pescas devendo ser muito grandes os seus lucros se os temporaes não vierem prejudicar os seus trabalhos.

Lá estão nas suas bateiras, com as redes grossas por Azambuja, Vila Franca e Valada na faina diaria, satisfeitos com os resultados obtidos até agora.

Em maio larga para a terra ova-



1. O brazeiro dos piteus.—2. Fim da tarde

Na Valada, no local onde o Club Naval costuma fazer as suas regatas, estão varias companhias d'Ovar e Estarreja que teem feito

rina onde vão empregar o dinheiro ganho n'esta abençoada região ribatejana.

(Clichés do sr. A. Garcez Rodrigues)

FIGURAS E FACTOS

O cardeal Rampolla, que faleceu ha dias com 70 anos, era uma das mais prestigiosas figuras da egreja, uma alta intelligencia e um homem de sociedade. Esteve para ser pontifice como o desejava o partido francez por ocasião da morte de Leão XIII, mas ante o «veto»



Cardeal Rampolla.

da Austria, em nome da qual falou o cardeal Pusyn, o illustre secretario de Estado do falecido pontifice foi vencido, sendo eleito o cardeal Sarto, hoje Pio X, que nunca ambicionara e muise se penalizou com essa elevação á cadeira de S. Pedro.



2. A pasta de pelucia azul com cantos, monograma e data em prata que foi executada na officina «Dóra» de Arcos de Anadia e oferecida ao sr. José Luciano de Castro no dia do seu 78.º anniversario por uma commissão d'amigos.



O ex-rei D. Manuel com sua esposa no vapor que os conduziu de França a Dover d'onde se foram instalar em Richmond junto da mãe do noivo.
(Cliché Archives du Miroir)

O antigo chefe do partido progressista foi alvo d'uma manifestação dos seus amigos na sua casa da Anadia, onde reside desde a proclamação da Republica. O sr. José Luciano de Castro completou setenta e oito anos. Com um grande concurso de povo, os admiradores do velho politico entregaram-lhe n'uma pasta magnifica uma mensagem de saudação pelo seu anniversario.



O ex-rei D. Manuel passou em Paris acompanhado por sua esposa já restabelecida da grave enfermidade que a acometera após o casamento.

Seguiram para Dover devendo instalar-se em Richmond junto da sr.ª D. Amelia d'Orleans.

Alguns emigrados portuguezes saudaram em Paris o ex-rei e sua esposa.



1. Frontispício do «Tratado da Esfera» de Pedro Nunes (Cliché de Benoit)

Está na tela da discussão o *Tratado da Esfera* de Pedro Nunes, que se dizia ir ser reproduzido no estrangeiro e do qual existem em Portugal, no dizer do illustre academico Rodolfo Guimarães, seis exemplares valiosissimos, tendo ele apenas conhecimento de mais dois, um na Russia outro na biblioteca gran ducal de Nolfen Brettel.



2. Sr. Bento Caieiro, autor do livro «Tournoi d'Amour»
 3. O professor Henri Sensitive que em 15 de novembro realiso no «Grand-Theatre de Lausanne» uma conferencia sobre literatura portugueza.

O sr. Bento Caieiro é o autor d'um belo livro de versos escrito em francez e que se intitula «Tournoi d'Amour» o qual obteve as mais favorave's apreciações da critica.



4. Grupo de alunas do Colegio 1.º de Dezembro de Castelo Branco que tomaram parte n'uma recita (Cliché do sr. Silva)



Um grupo d'entusiastas republicanos portuguezes festejando a data da proclamação da Republica Portugueza no dia 5 d'outubro, na cidade de Carumbá, Estado de Mato Grosso, Brazil.

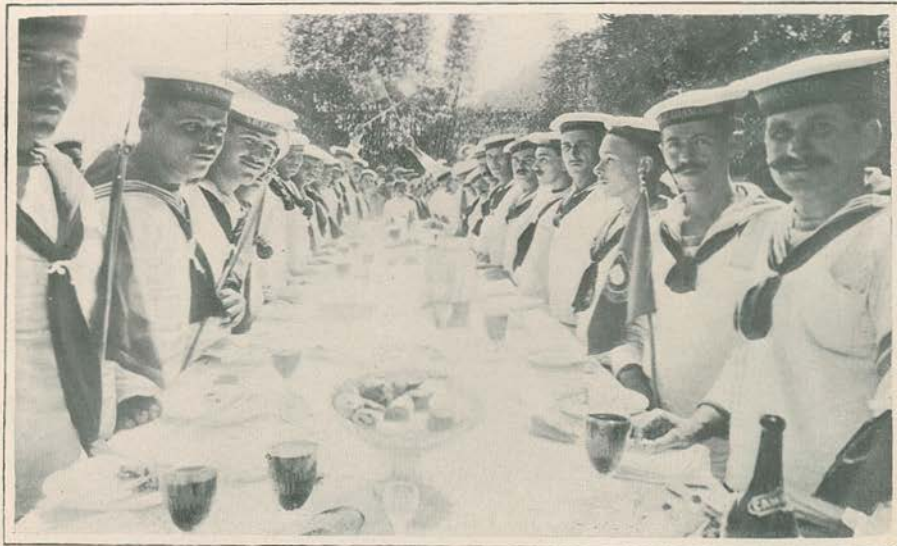
O "Adamastor" no Rio de Janeiro



O almoço a bordo do couraçado brasileiro «S. Paulos», oferecido pela sua oficialidade à do «Adamastor»

A vinda do cruzador *Adamastor* ao Rio de Janeiro foi de um alto alcance político e social. No momento em que se reacendeu os odios que levam até os monarquicos a se degladiarem por verem frustradas as ten-

tativas incursionistas; em que os proprios republicanos discutem, acerbamente, o valor quantitativo e qualificativo das fações politicas, a presença do magnifico barco de guerra portuguez fez um bem magnifi-



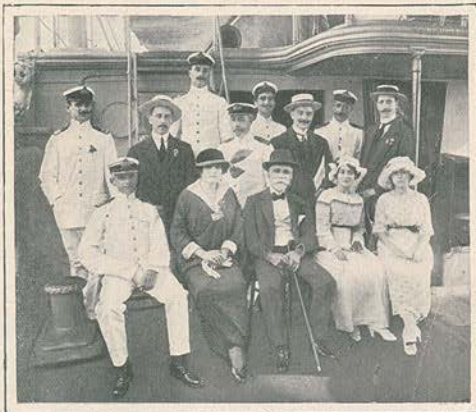
Os marinheiros do «Adamastor» no «pic-nic»

co a todos os corações lusitanos, que poêm acima dos interesses mesquinhos de uma politica alucinante a de feza acrisolada do bom nome do seu paiz.

Embora já pela terceira vez houvesse sido o *Adamastor* o navio escolhido para sulcar aguas brasileiras, não oferecendo novidade de maior, agradamos notificar que a sua officialidade e respectiva guarnição foram recebidos com grande copia de gentilezas, não só por parte da colonia patricia, como também pela sociedade brasileira que cobriu a brava marinagem lusitana de atenções e desvelos. Muito contribuiu, é certo, a fina perspicacia diplomatica do digno e illustre embaixador dr. Bernardino Machado, para que as festas dedicadas ao *Adamastor* não desmerecessem em nada das anteriores. E conseguiu-o em boa hora, dando-nos a impressão de que nada havia que perturbasse a vida politica da colonia e a sua exteriorisação social. Infelizmente, as dissenções continuam e continuarão



No «pic-nic» oferecido por um grupo de republicanos á guarnição do «Adamastor» no Alto da Boa Vista: Sentados srs. Bastos Torres, presidente do centro republicano do Rio, Seratim Claro diretor da Camara Portugueza de Comercio e Industria, Machado Bastos, Alberto N. de Sá Cruz, vice-consul portuguez em Niteroy, dr. Joaquim Madureira, jornalista. De pé, srs. José Simões Coelho, representante do «Seculo e da Ilustração», João Carlos Vieira, Manuel J. Ribeiro, S. Claro, Alfredo Oliveira Santos, Luiz Ferreira da Cruz e Artur Macedo.



2. A bordo do «Adamastor»: O embaixador de Portugal, dr. Ferreira d'Almeida e Agnelo Cunha Pessoa, secretarios da embaixada, dr. Carlos Garrido, consul, e um grupo de officias e de senhoras.
3. Comandante e officias do «Adamastor» posando para a «Ilustração portugueza» n'um dos salões da embaixada de Portugal

até os monarchistas se convencerem de que as convicções lhes serão mortalha, e os republicanos não adquirirem a dóse de bom senso indispensavel á consolidação de ur regimen democratico.

Logo no dia da chegada do *Adamastor*, os varios componentes da colonia mais em

evidencia, se uniram para que lhe fossem prestadas as homenagens de uma radicada solidariedade patriótica. Assim tivemos a ventura de observar que desde a Majoria General da Armada Brasileira, representada pelo illustre chefe, almirante Batista Franco, que assistiu a todas as festas, ao grupo de republicanos que ofereceu o belo «pic-nic» no Alto da Boa Vista, todos deram á illustre officialidade as mais cativantes provas de simpatia pelo nosso querido Portugal.

Todavia é justo especialisar as tres maiores homenagens; o almoço a bordo do grande couraçado brasileiro S. Paulo, oferecido pela sua illustre officialidade, a «matinée» a bordo do *Ada-*



Aspeto do salão principal do Club Ginástico Português durante o espetáculo oferecido à oficialidade do «Adamastor».

maior dedicada pelo dr. Bernardino Machado e comandante Canto e Castro á sociedade carioca, em que estiveram todos os diplomatas estrangeiros, o ilustre ministro das Relações Exteriores, dr. Lauro Muller, e o esplendido baile que o embaixador de Portugal ofereceu á officialidade do nosso navio de guerra. Basta citar estes tres numeros do vasto programa de festas, e ter-se tido a ventura de a elles assistir, para ficarmos convencidos de que o grau de relações entre Portugal e o Brazil não é um «mito» como ainda ha pouco afirmava um plunitivo conservador.

A festa mais popular foi a oferecida á brava marinhagem no Alto da Boa Vista. Assistiram muitas familias brasileiras. Trocaram-se as saudações mais efusivas, deram-se vivas a Portugal tudo sob um entusiasmo bem nosso.

A marujada confraternisou sempre e com todos os patricios, corretamente, tornando-se credora de simpatias e atenções.

E, ao vermos sair a bahia do Guanabara, o *Adamastor*, recordamos o que um jornal do Rio disse d'ele:

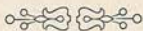


«Seria de boa politica o governo portuguez mandar de vez em quando ao Brazil um dos seus navios de guerra. E' que a presença dos marinheiros lembra aos lusos, que por cá mouream, que Portugal possui uma unidade naval, que vive emfim... a despeito de todas as más vontades de ambiciosos e politicantes.»

Talvez seja até este o caminho... Quem sabe!

Rio de Janeiro, Dezembro 1913.

JOSÉ SIMÕES COELHO,



1. Artistas portuguezes com o ilustre embaixador de Portugal na noite da festa dedicada por S. Ex.^a á officialidade do «Adamastor». Sentados da esquerda para a direita: Maestro Luiz Filgueiras, Gina Conde, dr. Bernardino Machado, maestro Fernando Moutinho. Da direita para a esquerda, de pé: srs. Justino Marques, Simões Coelho, José Monteiro, Alberto Ghira, Antero Vieira e Raul Lopes Lavareda, secretario da empresa José Loureiro. 2. Sala do bufete do Club Ginastico Portuguez, vendo-se ao fundo o embaixador de Portugal.

Mostrador e maquinismo do relógio público que vai ser instalado no edifício situado a Oeste do escritório da Exploração do Porto de Lisboa

Este relógio é comandado de segundo em segundo em segundo pela pendula padrão do observatório astronómico de Lisboa, de modo a dar sempre rigorosamente o segundo exato da hora legal, isto é, de tempo médio do meridiano de Greenwich, usado atualmente em toda a Europa Ocidental.

O mesmo relógio, além da missão especial de dar ao público, em geral, a hora absolutamente rigorosa até segundos, podendo servir

terna tem cumulativamente a força de 21.000 velas, devendo esses sinais serem

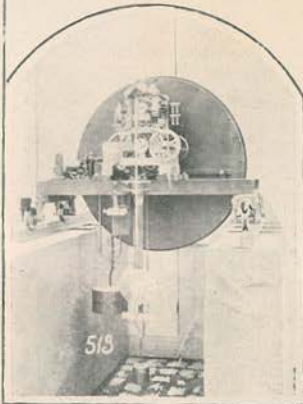


Edifício onde vai ser instalado o relógio público

dão deve ser, pelo menos, igual àquela que se procura atingir nas observações astronómicas para a determinação da hora.

Ainda o relógio público deve naturalmente dirigir eletricamente de minuto em minuto outros relógios secundários, distribuídos pelos diversos pontos da cidade, de sorte a darem sempre rigorosamente o segundo exato da hora legal.

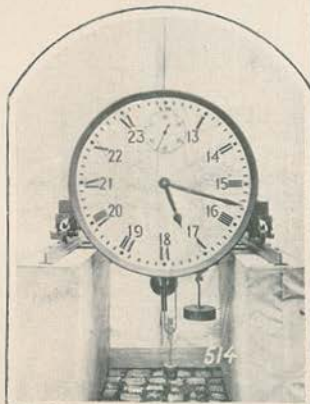
As luzes da lan-



Maquinismo do relógio público



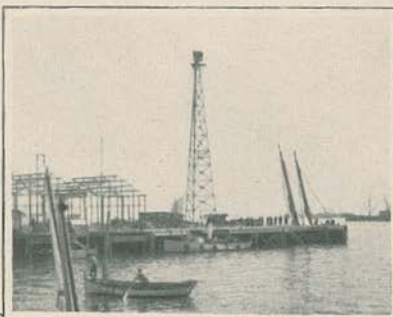
Capitão-tenente sr. Ramos da Costa, que muito contribuiu para o melhoramento meia noite e de três em três horas. As luzes acendem-se automaticamente pela ação do relógio público cinco minutos antes d'essa hora e extinguem-se pelo mesmo modo nos instantes precisos que as indicam. D'este modo, a distancia do observador em nada prejudica para a exatidão do resultado. O grau de exati-



Mostrador do relógio público

para comparar os cronómetros de marinha em qualquer ocasião, está ainda incumbido de dar signaes luminosos nas lanternas, dispostas em pilones apropriados, e colocados: um no terrapleno da Alfandega e outro, junto do posto alfandegario do Porto Franco (á Junqueira.)

E' natural que os signaes luminosos sejam dados oito vezes por dia a partir da



Sistema de signaes situado no terrapleno d'Alfandega—(Clichsé de Benoitel)

visíveis, de dia, até á distancia de 3 quilómetros, aumentando a visibilidade consideravelmente de noite.

E', pois, este melhoramento não só d'um valor inestimavel para a navegação, por isso que em qualquer ocasião os navios podem comparar os seus cronómetros, como tambem para a cidade de Lisboa, visto poder ter sempre a hora exacta..

Caes e docas no

Os caes do porto de Lisboa são extensísimos mas começam já a ser deficientes, apesar dos seus

Porto de Lisboa

Em Alcantara descarrega-se o carvão que vem d'Inglaterra para os armazens e depositos que ali pos-



Na doca de Santos.

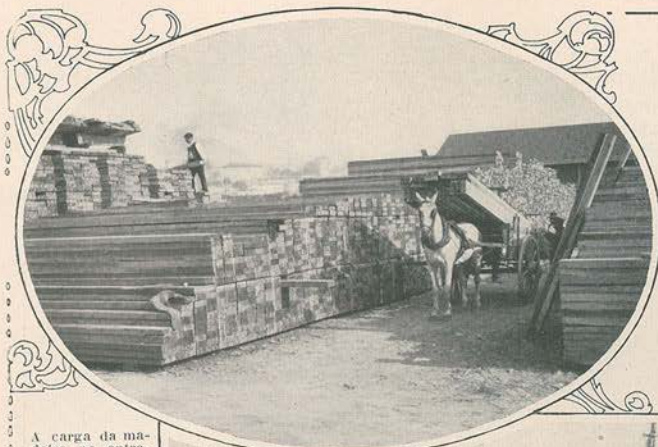
quatro mil e quinhentos metros, para o movimento sempre crescente.

Atracam ali paquetes de doze e quatorze mil toneladas, assim como os navios portugueses das Empresas Insulana e Nacional de Navegação e percorrendo as tres docas, a do Caes do Sodré, destinada ao serviço do peixe, a da Alfandega e a do Terreiro do Trigo, vê-se uma labuta crescente, um trafego imenso que bem demonstra a importancia que tem o porto de Lisboa para o comercio mundial.



A descarga do carvão.

suem varios comerciantes; trabalham umas vezes as ovarinas e acochetanos, n'uma lida constante, outras movem-se os potentes guindastes hidraulicos carregando os toros de pinho que vem dos nossos pinhaes e que em grandes quantidades, nada menos de cento e vinte mil toneladas, se exportam para Inglaterra a fim de servirem nas galerias das minas de carvão; carregam-se os minerios de Hespanha Inglaterra e Alemanha, exportação ha pouco começada mas



A carga da madeira no entreposto

que vai tomando incremento, descarregando-se ainda o trigo e os outros cereaes e o gado argentino para o consumo de Lisboa e em transitio para Hespanha.

Passando ao caes do entreposto de Santos, essas quatro zonas francas tres das quaes são destinadas a mercadorias estrangeiras e uma ás colonias, veem-se atracados os paquetes chegados d'Africa e numerosos navios que veem de toda a parte descarregando constantemente, com o auxilio dos seus potentes paus de carga e dos guinchos hydraulicos, dos caes quantidades enormes de caixas, fardos, sacas, ferros, maquinismos que collocados nos vagons, são conduzidos pelo pessoal da exploração do Porto de Lisboa para os armazens onde fica tambem o assucar trazido pelos grandes barcos da Societé Navale de l'Ouest, do Havre e da Companhia Austriaca Adria.

No caes do Gaz é um formigueiro constante de descarregadores de carvão para a fabrica de iluminação, é um movimento de guindastes que despejam os porões vastos com os seus caixões de ferro; mais adeante não é menor a faina na descarga de

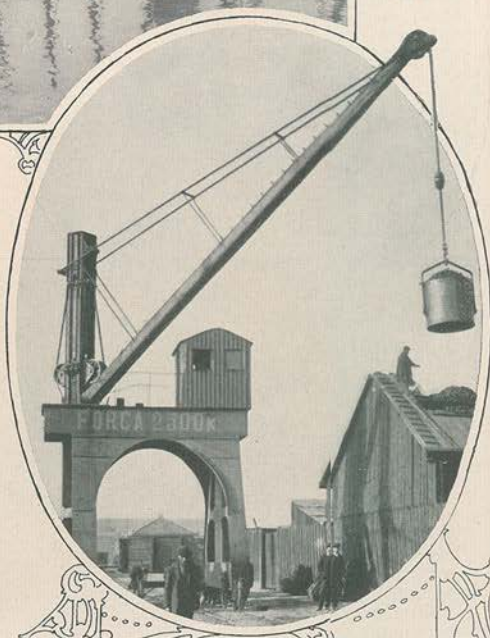
materiaes de construção. Nas manhãs desembarca o peixe dos pequenos barcos dando um grande movimento a quele porto.

Além da Praça do Comercio, para leste está a doca d'alfandega onde se abrigam numerosas fragatas e outros barcos que vão fazer as suas cargas e descargas. A seguir está o entreposto colonial,

que é um grupo de oito grandes armazens onde se recebem os generos colonias que chegam nos paquetes da Empreza Nacional de Navegação,



Fragatas na doca da Alfandega



Descarga do carvão no caes de Alcantara utilizando o guindaste hydraulico.



A descarga de cacau no entreposto.

borracha, coconote e de oleo de palma sendo esta parte dos caes a mais movimentada n'uma eterna balburdia de vagonetas.

Na doca do Terreiro do Trigo descarrega-se o carvão de sobro e passa ali todo o trafego da estação central do Caminho de Ferro do Sul e Sueste.

Depois está o vasto recinto em que se mostram as novas e belas instalações da Empreza Nacional de Navegação nas quaes se faz o



O sr. Ramos Coelho, illustre engenheiro e director do Porto de Lisboa no seu gabinete de trabalho.

chegando a atingir por vezes as descargas sessenta e setenta mil sacos e outros volumes.

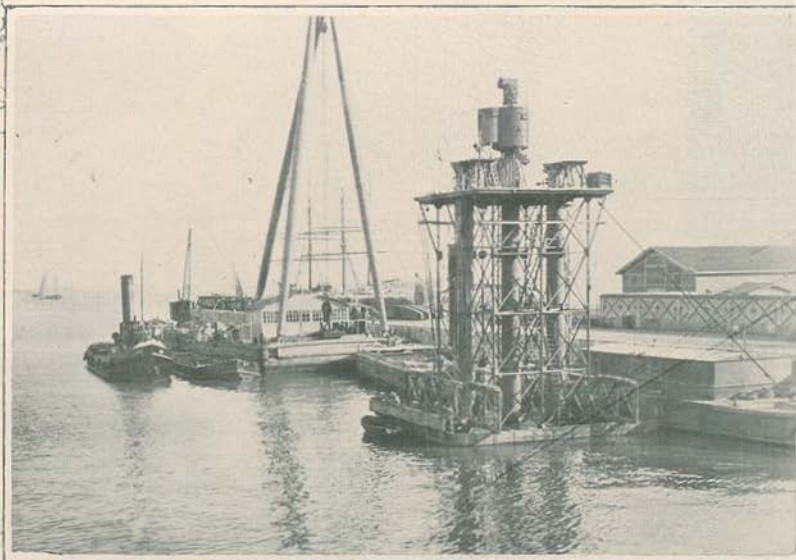
Eleva-se a milhares de contos o valor dos generos coloniasaes que se encontram n'aquelles armazens constando sobretudo de cacau, café, assucar, cêra,



Vigas n'uma das docas



Desembarque de passageiros no posto de desinfecção.



Aparelhos destinados às novas obras de transformação da doca de Alcântara e de construção do molhe d'este da doca de Santos



como o d'Alcantara destinado ás mercadorias estrangeiras servindo-se ali de seis guindastes a vapor da força de doze mil quilos.

Uma das notas mais salientes da exploração do porto de Lis-

Os descarregadores de carvão fazendo as suas pirâmides de cestos

bos é o desembarque de passageiros, especialmente no posto marítimo de desinfecção e na nova ponte de cimento armado mandada construir no terrapleno d'Alfandega e também o desembarque das malas postaes cujo transporte é feito nos rebocadores da empresa, sendo já de quarenta mil por

ano o numero de malas d'Argentina e Brazil o que mostra como Lisboa é, além de tudo, um porto postal de primeira ordem.



A descarga no entreposto

embarque das mercadorias e dos passageiros.

A ultima parte do porto é o entreposto de Santa Apollonia



A descarga de toros em Alcantara

(Cliché de Benolle)

Exposição de Modas e Bordados

A deliciosa exposição de trabalhos femininos realizada pelo «Suplemento de Modas e Bordados», a qual

dras Negras; nos bordados a matiz foi o collegio de Nossa Senhora da Conceição, d'Aveiro, que tal distincção mereceu; nos bordados a ouro a sr.^a D. Gertrudes Mesquita; nos de fantasia a sr.^a D. Isaura Seixas e nas rendas a sr.^a D. Ilda Assunção Rodrigues.



1. Trabalho da sr.^a D. Ilda Marques Cordeiro.
2. Trabalho d'uma aluna do collegio de Nossa Senhora da Conceição d'Aveiro.

tem sido visitada por tudo quanto ha de mais distinto e elegante na sociedade lisboeta.

zer as delicias davel como util e interessante exposição.

Diante da casa da rua Ivens, on-

O juri conce-deu tambem menções hon-

Mais tres senhoras foram ainda classificadas em cada especialidade, havendo tambem muitas menções honrosas. Os premios são valiosos e constituem uma recordação das horas que se passaram trabalhando esses delicados labores que deviam fazer de quem visitou tão agra-



Trabalho da sr.^a D. Ceu Beça (fora do concurso)



Trabalho da sr.^a D. Isaura de Seixas



sr.^a D. Maria Augusta do Rosario Azevedo, aluna do collegio das Pedras Negras que ganhou o primeiro premio nos bordados a branco

de está instalado o certamen n'um espacoso e artistico salão, param os mais luxuosos automoveis e carruagens, das quaes se apeam as mais formosas e illustres senhoras que detalhadamente visitam a exposição analisando a beleza e a graça dos bordados a branco, a ouro, de fantasia e as rendas lindissimas.

O juri que foi composto pelas sr.^{as} D. Alfreda de Barros Cunha Ferreira da Fonseca, D. Carolina Carvalho dos Santos e D. Palmira Marinho da Rocha, fez a classificação, egundo as secções a que as expositoras concorreram com os seus admiraveis trabalhos.

Nos bordados a branco coube o primeiro premio á sr.^a D. Maria Augusta Rosario d'Azevedo, do collegio das Pe-

rosas a alguns collegios publicos e particulares e á distinta professora sr.^a D. Ceu Beça pelos seus trabalhos fora do concurso que tão proficientemente organiso com o seu esmerado cuidado e com a sua inteligente superintendencia sempre accentuada ao tratar-se d'essas delicadas obras feitas cuidadosamente por formosas mãos femininas.



Trabalho fora do concurso por não ser bordado (s. lichts de Benoitel)

A chegada dos presos d'Angra



1. O Funchal ao largo, os presos desembarcando na ponte da Trafaria.—2. O sr. dr. Lomelino de Freitas a caminho do presidio.

Os individuos tidos como implicados nos acontecimentos de 27 de abril e entre os quaes se encontram o general sr. Fausto Guedes, capitão de mar e guerra Soares Andrea, capitão Lima Dias, tenente Lobo Pimentel e dr. Lomelino de Freitas, além d'alguns sargentos, cabos, soldados de infantaria 1, 5, 10, 16, artilharia, cavalaria, engenharia e mari-

2



3

O desembarque do general Guedes e do capitão Lima Dias entre a continencia dos guardas do presidio.—(Clickês Benoit)

nhá, foram internados no presídio militar da Trafaria cujo comando se entregou ao tenente d'infantaria sr. Gorrão de Moura.

Durante sete mezes estiveram no forte d'Angra do Heroísmo e d'ali saíram no *Funchal* escoltados por praças



Os soldados presos em virtude do movimento de 27 d'abril no rebocador *Vale de Zelora*

em celas separadas tendo uma casa de conversação comum conforme se determinou. Além dos officiaes e do sr. dr. Lomelino, os presos são 50 cabos e soldados, 14 sargentos, 26 marinheiros e 19 civis.



de marinha a fim de virem responder em conselho de guerra

O navio teve uma demorada travessia por causa do temporal e por isso só ás 11 horas da manhã de 22 de dezembro se poude fazer o desembarque annunciado para a madrugada, tendo desde logo, no meio d'escoltas, dado entrada n'aquelle presídio onde foi consentida no dia seguinte a visita das suas familias.

Os officiaes ficaram



1. O capitão de mar e guerra Soares Andrea e o director do presídio, tenente sr. Gorrão de Moura.—2. O capitão de mar e guerra Soares Andrea e o tenente Pimentel cumprimentando o tenente Gorrão de Moura director do presídio.



O desembarque dos presos na praia da Trafaria.—(Clichés Benolle)

INDUSTRIAS NACIONAES

A FABRICA CONFIANÇA DO PORTO

No ano de 1883, ha portanto 30 anos, instalou-se na rua de Santa Catarina, do Porto, n'uma pequena e modesta casa, a Camisaria Confiança. Não existia, então, no paiz a industria de camisaria em condições de servir o mercado nacional e muito menos, então, se poderia pensar no commercio de exportação que hoje atinge uma importancia de muitos talvez desconhecida.

Foi o industrial, sr. Silva e Cunha, quem lançou as primitivas bases da grande casa que é hoje a Camisaria Confiança. Progredindo a pouco e pouco, ampliando as suas instalações, adquirindo os mais modernos maquinismos até que, em 1894, se inaugurou a Fabrica Confiança. E' pois d'esta data em diante que pôde considerar-se em pleno desenvolvimento o mais importante estabelecimento fabril do Norte de Portugal.

Ocupava a primitiva instalação uma area de 600 metros e hoje eleva-se a 4800 metros quadrados a sua superficie, occupada pelo estabelecimento e oficinas anexas, que são das mais perfeitadas no paiz. Assim tivemos occasião de verificar n'uma rapida visita, não sabendo nós



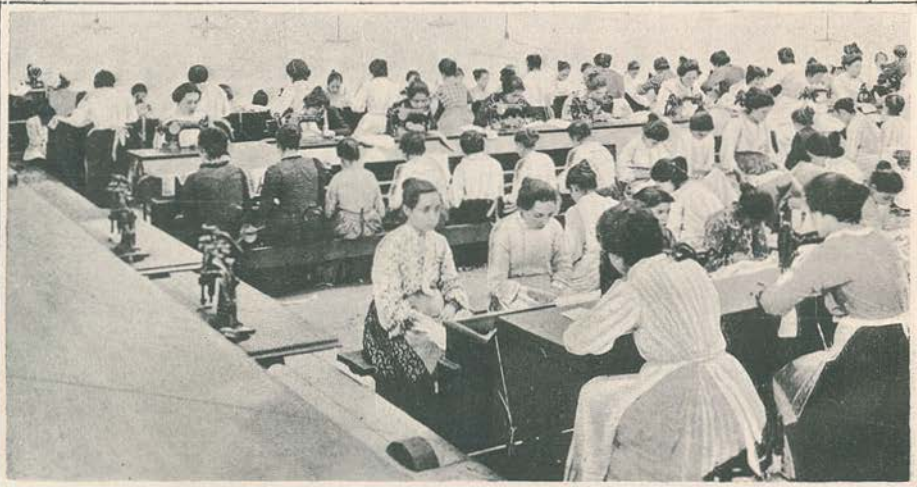
A fabrica Confiança: A casa do Porto

que registrar de preferencia, se a instalação sob o ponto de vista tecnico, se sob o aspecto de comodidade e higiene para o pessoal operario que é, n'esta casa, alvo de todos os cuidados e atenções.

Outro aspecto interessante da Fabrica Confiança é a occupação de algumas centenas de mulheres cujas aptidões ali muito intellegendamente se aproveita, o que não é facto para desprezar no nosso acanhado meio social onde não abundam as occupações dignas para a mulher que quer viver honestamente do seu trabalho.

Por todas estas circunstancias a Fabrica Confiança occupa hoje um lugar de destaque na industria nacional, Alargando sucessivamente a sua industria, comerciando-a ella mesma, tem conquistado uma clientela que se vae alastrando pelo ultramar.

Nas nossas colonias e no Brazil a Fabrica Confiança tem já de tal forma colocado os seus produtos que hoje, pôde dizer-se com verdade, peza bastante na balança de exportação do nosso paiz. Ao sr. Silva e Cunha, para quem todas as palavras de louvor seriam mesquinhas, e aos seus associa-



A officina de costura

dos, deve a industria nacional uma parcela importante do seu prestigio. Do seu arduo trabalho e aturado estudo se conseguiu transformar a que foi modesta camisaria Confiança na Fabrica a que nos estamos referindo e que já todo o paiz sobejamente conhece.

Vamos nós dar, agora, limitando-nos ao pequeno espaço de que dispomos, uma ideia do que é, hoje, o modelar estabelecimento do sr. Silva e Cunha.

A' entrada fica o salão de vendas onde artisticamente se dispõem, em vitrines luxuosas, os artigos ali confeccionados, desde o simples lenço de linho ou seda á mais custosa «toilette» de senhora. O salão é iluminado a luz electrica, profusamente distribuida. O teto pintado a oleo, obra do sr. Armando Marques Pinto. Logo a seguir, e separada por um elegante envidraçamento, está a officina de roupas brancas, com mais de cem maquinas de costura movidas a vapor. Lá estão as costureiras com um ar de satisfação e alegria que bem demonstram acharem-se á vontade ali dentro, trabalhando, trabalhando sempre sob as vistas do pessoal superior que lhes fiscalisa o trabalho.

A' entrada d'esta officina desenvolvem se de um e outro lado, artisticos lanços de escada



A fachada da Camisaria Confiança no Rio de Janeiro, esquina da rua Augusta sucursal da casa do Porto

dando acesso ao primeiro andar, onde se acham instaladas as officinas de artigos de senhora e gabinetes de provas. Nos pavimentos inferiores as variadissimas secções de brunidos, decorte, embalagem, depositos, etc.

Tambem constitue uma instalação importante a secção de maquinas, com as suas enormes caldeiras geradoras do vapor que fazem manobrar todos os pequenos maquinismos em que se confeccionam os artefactos da Fabrica Confiança. Resta apenas dizer, para complemento d'este curto resboço, que a agua destinada ás diferentes secções é passada pelo filtro, que o serviço de transportes é feito por meio de elevadores e que o empacotamento das mercadorias satisfaz as mais rigorosas exigencias da exportação.

Foi com bastante pesar que deixámos a Fabrica Confiança, lazarada que hoje na industria portugueza a casa da rua de Santa Catarina a que o sr. Silva Cunha deixa ligado o seu respeitado nome, bem como a sucursal de Lisboa que o nosso publico já conhece.

ALEXANDRE CALDAS.



TEATROS

TEATRO POLITEAMA "O Toureador"

A peça que se está representando no Teatro Politeama tem trechos pittorescos e situações alegres. Os adaptadores, srs. E. Rodrigues, João Bastos e Felix Bermudes, mestres no genero, polvilharam-n'a mesmo de ditos felizes. Mas a adaptação portugueza não podia fazer milagres. E a verdade é que a opereta, que nos dizem ser ligeira, é apenas um amontoado de cenas desconzidas, de numeroes que dariam effeito se os ligasse um fio qualquer de interesse, mas que, assim, desconexos, não conseguem dominar e prender o publico. O *Toureador* faz rir o espectador — mas... não o diverte. Vão lá explicar a *nuance* d'estas coisas. Mas o caso é frequente e é assim mesmo.

A verdade é que o teatro, seja em que genero fór, vive da logica, se não das figuras, pelo menos, das situações. A farsa, a *pochade*, a revista tem a sua logica. O ponto de partida pode ser inverosimil, extravagante, macabro — mas, saindo d'esse ponto de partida, é preciso respeitar a logica do absurdo, a logica da caricatura, a logica da irreallidade. Logica teatral, é certo — mas logica.

O *Toureador* é uma *pochade* e falta-lhe a logica especial do seu processo. D'al' a falta de unidade e de interesse — e é pena porque, por vezes, tem graça e os seus adaptadores fizeram prodigios para lhe dar vida. A *mise-en-scene* tem movimento, tem pitoresco e brilho.

TEATRO DA TRINDADE "A Grã Duqueza de Geroelstein"

O Teatro da Trindade resuscitou a *Grã Duqueza*, a mãe ou a avó, como quizerem, de todo

o moderno teatro de opereta. E fel-o n'uma hora de feliz inspiração.

Offenbach é imortal. Esse admiravel caricaturista de musica é uma figura historica: creou alguns compassos geniaes, figuras que não passam, não esquecem e serão eternos tipos do genero. Offenbach, por isso, não envelhece. As obras d'arte não envelhecem e a *Grã Duqueza* é uma obra d'arte.

Para fazer reviver a *Grã Duqueza* era, no entanto, necessaria, nas modernas e exigencias do teatro, uma atriz-cantora como



Cena final da peça «O Toureador».—Sofia Santos, Vasco Gremilda, Martins Veiga, Griljo, Mafias d'Almeida, Magda e Gil Ferreira.

Maria Judice da Costa. E' n'esse repertorio, que ninguém poderá fazer brilhar como ella, que nós gostaremos de a ver. Ha tanta linda opera-comica esquecida! A resurreição, coroada de excelente exito, da *Grã Duqueza* animará talvez a empresa Taveira a ir desenterrar do seu arquivo outras excellentes *partituras* abandonadas e que as facilidades da actual primeira figura feminina da sua companhia podem animar, de novo, d'uma vida brilhante e triumphal.

A. DE C.



«O Toureador» no teatro Politeama: 1. Griljo, «Alexandrino» e Magda Arruda «Suzette», no dueto do 2.º ato.—2. «Sempre arranjo cada «emprego» Griljo e Gremilda «Tereza».—3. A partida para Vilaia: (Da esquerda para a direita). Os artistas Eisey Rubim, Pinto Ramos, A. Garcia e Irene Gomes, na cena final do 2.º ato.—4. A partida para Vilaia: (Da esquerda para a direita). Os artistas, Sofia Santos, Vasco Peixoto e Magda. (Clichés de Benelli)

PELO PORTO — O HOTEL SUL-AMERICANO

Quem entrar na praça da Batalha, um dos mais importantes centros da cidade do Porto, encontrará do lado norte um edifício de excelente aspecto destacando-se vivamente das velhas casas que a compõem.

Não é um pesado edifício de linhas arquitetônicas com pretensões a artístico ou sumptuoso, mas uma vasta casa alegre e bem lançada a que o vermelho escuro do azulão que a reveste imprime uma cintilante nota de frescura e viveza.

E' aqui que está instalado o «Hotel Sul Americano» hoje, incontestavelmente, um dos melhores da capital do norte. Este hotel, como aliás o indica o seu título, é o preferido pelos viajantes do sul da America, o que importa dizer que se encontra em condições de agradar aos americanos, dos mais exigentes, como se sabe, em tudo o que respeita a sua comodidade pessoal.

Entra-se no «Hotel Sul Americano» e logo o vestibulo nos cativa, tal o seu excelente aspecto. O té-



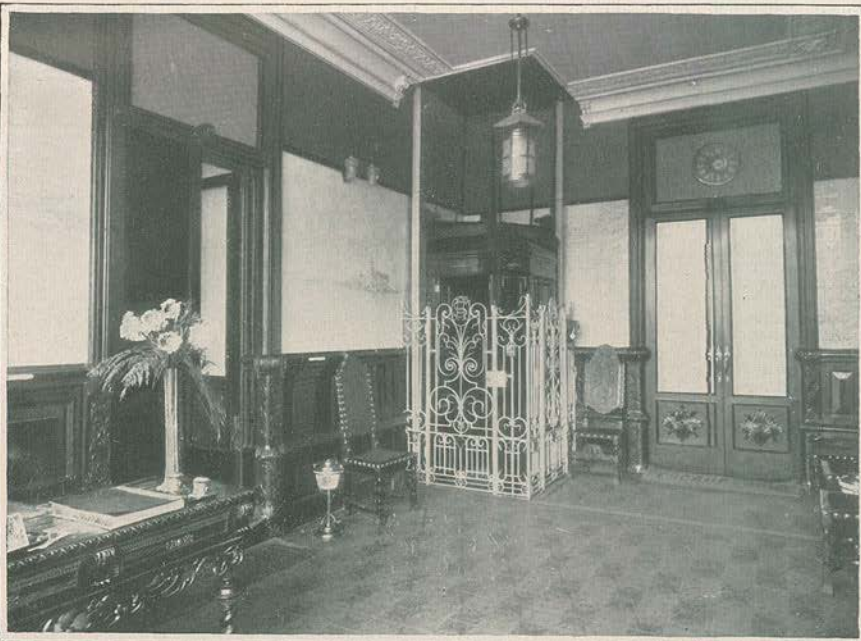
A fachada do hotel

to, a branco e ouro, primoroso trabalho dos srs. Moreira & Ribeiro, casa-se admiravelmente com os lindos *panneaux* de azulejos que decoram as paredes. Representam eles, fidelissimamente reproduzidos, o *Alto do Corcovado*, a *Avenida do Mangue*, o *Caes Pharoux* com a sua *Illa das Cobras*, a *Illa Fiscal* e o *Botafogo*. O pavimento de magnifico mosaico completa este agradável conjunto.

Do lado esquerdo de quem entra, dando sobre a praça, está a sala de jantar, clara e alegre. As pequenas mezas sobre cujas toalhas de linho alvissimo brilham os cristaes e abundam as flores, alinham-se pela vasta sala iluminada a jorros de luz electrica. As cadeiras de couro, os armarios de nogueira, as louças, os vidros são do melhor que

se tem visto em estabelecimentos d'esta natureza. Do lado direito está a sala de visitas onde os hospedes se reúnem ou recebem as pessoas que os procuram.

Toma-se o elevador para se subir aos aposentos,



O vestibulo de entrada



Os quartos serviriam de modelo a muitos hotéis que se alinham na categoria de luxuosos. As paredes nuas de quaesquer ornatos, como o preconizam os modernos preceitos da hygiene, são pintadas a oleo, em cores vivas e brilhantes. Nem tapeçarias nem cortinados. O mobiliario ao mesmo tempo simples e luxuoso, feito expressamente pela casa Correia d'Abreu, tambem do Porto, é de nogueira nos quartos de primeira classe, e de freixo americano, tudo em estilo inglez, nos de segunda. Luz electrica, agua, esgotos em todos eles, desde o de maior preço até o mais modesto, desde o primeiro ao ultimo pavimento, sendo para notar as casas de banho pela forma por que estão instaladas.

É curioso accentuar que o proprietario do «Hotel Sul-Americano», um arrojado e inteligente portuguez, que na America passou em trabalho constante e arduo a sua mocidade, não havia ainda explorado um negocio d'esta natureza. O sr. Alvaro de Azevedo, ao chegar ao Porto, de regresso da America, tomou conta d'este estabelecimento que remodelou de forma a torná-lo como se disse já, um dos melhores não só da cidade do Porto, como do paiz.

Não é, são suas estas palavras, a pratica do negocio que me guia, mas sim o facto de ter sido, durante largos anos, hospede de muitos hotéis, desde o mais modesto ao mais luxuoso. Tendo sentido como pou-

da de exito a sua bela obra.

Sem pretensões a hotel de luxo o «Sul-Americano» figura hoje, sem desdouro, na primeira fila dos estabelecimentos congêneros de Portugal. Não ha no nosso paiz os hotéis sumptuosos que se veem nas grandes cidades cosmopolitas mas não sendo, como o não são, inferiores os nossos no tratamento dos seus hospedes, d'aquelle se distancia enormemente nos preços das hospedagens. Em acao, hygiene e comodidade não é possivel exigir-se mais. Eis porque o sr. Alvaro de Azevedo conseguiu firmar em bases solidas o credito do seu estabelecimento que, a despeito de ter sofrido ha bem pouco tempo uma remodelação completa na sua instalação, se prepara para novas obras de ampliação a que o seu proprietario se vê obrigado pelo movimento sempre crescente da sua casa.



1. A sala de jantar.—2. Um quarto de dormir.

(Clichés da photographia Medina)



CASA ARTHUR MAURY

A CASA FRANÇAESA MAIS ANTIGA

FUNDADA EM 1860

6 - Boulevard Montmartre - PARIS

IMENSO SORTIDO DE SELOS RAROS E ORDINARIOS, NOVOS E USADOS

Acaba de aparecer o **CATALOGO DESCRITIVO DE SELOS** (53.^a edição)

12.000 preços modificados, completo até Dezembro de 1913, 600 paginas, 4.000 gravuras. PREÇO \$40 e centavos

O jornal mensal ilustrado *Le Collectionneur de Timbres Poste*, 49 anos de existencia, cada numero contém crónicas filatélicas, listas d'ocasiões reservadas sómente para assinantes. No fim do ano os assinantes recebem gratuitamente o catalogo de selos e que aparece depois do 1.^o de janeiro. Preço da assinatura: \$30 centavos para a França e \$40 centavos para o estrangeiro. Numero specimen gratis.

ALBUNS DE SELOS a partir de \$25 centavos até 40\$ oscudos, os mais cotados e universalmente conhecidos.

Acaba de aparecer o *Priz Courant Miniature*, contendo numerosas ocasiões 1200 séries e pacotes, gratis franco a quem o requisitar.

O CONTEUDO D'ALGUNS PACOTES

Pacote Turc, contendo 50 selos diferentes da Turquia. Preço: \$35 centavos.

Pacote Colonias Françaises, contendo 50 selos diferentes das colonias. Preço: \$30 centavos.

Pacote Le Mikado, contendo 25 selos diferentes do Japão. Preço: \$11 centavos.

Pacote Serbe, contendo 25 selos diferentes da Servia. Preço: \$20 centavos.

Pacote Porto-Rico, contendo 25 selos diferentes de Porto Rico. Preço: \$27 centavos.

Pacote Etats Unis, contendo 30 selos diferentes dos Estados Unidos d'America. Preço: \$23 centavos.

Porte de cada pacote para a França, \$2 centavos; para o estrangeiro, \$6 centavos

(Ver a continuação no nosso preço corrente gratuito)

Dr. Bengué, 47, Rue Blanche, Paris.



Venda em todas as Pharmacias

Roses d'Orsay

Evoca o perfume da Flor

D'ORSAY 17, Rue de la Paix, PARIS

Perfumaria
Balsemão

141, RUA DOS RETROZEIROS, 141
TELEPHONE Nº 2777-LISBOA

PRISÃO DE VENTRE

O unico remedio prescripto por todos: os medicos para a cura da *Prisão de Ventre* e de suas *consequencias* é a **CASCARINE LEPRINCE** (toma o duas pilulas bde tarde ao jantar).

Em todas as Pharmacias. - EXIGIR SEMPRE o NOME impresso em cada pilula.

COMPANHIA DO PAPEL DO PRAÍDO

Socied. anonyma

r.çons. limitada

CAPITAL:

Ações.....	300.000\$000
Obrigações.....	323.910\$000
Fundos de reserva e amortisação.....	256.400\$000
Réttis.....	930.310\$000

Séde em Lisboa. Proprietaria das fabricas do Prado, Marisaania e Sobrelrino (*Tomar*), Penedo e Cassal de Herminio (*Lousã*), *São Mator* (*Albergaria a-Velha*). Instaladas para uma produção annual de seis milhões de kilos de papel e dispoem dos maquismos mais aperfeçcoados pa a sua industria. Tem em depósito grande variedade de papéis de escrita, de impressão e de embrulho. Toma e executa prontamente encomendas para fabricações especies de qualquer qualidade de papel de maquina continua ou redonda e de forma. Fornece papel aos mais importantes jornaes e publicações periodicass do paiz e é fornecedora exclusiva das mais importantes com panhias e empresas: nacionaes.

ESCRITORIOS E DEPOSITOS:

LISBOA — 270, Rua da Princeza, 276

PORTO — 49, Rua de Passos Manoel, 51

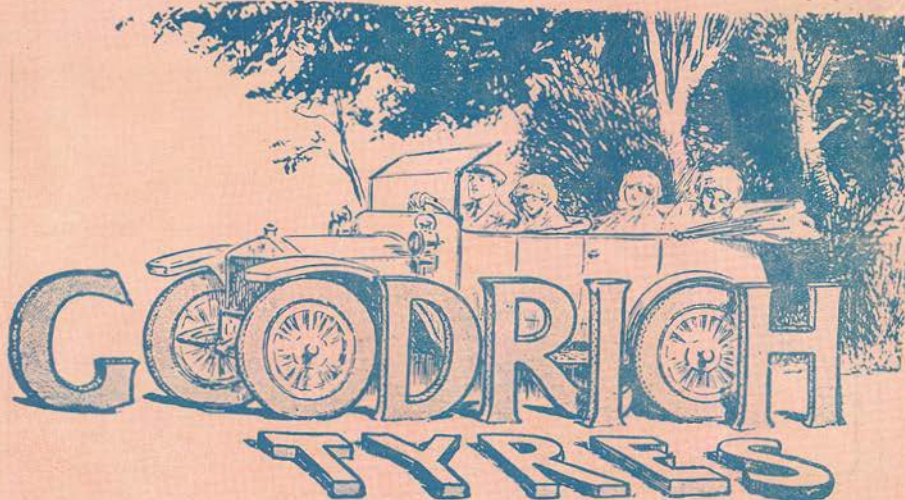
Endereço telegrafico em Lisboa e Porto: **Companhia Prado**. Numero telefonico: Lisboa, 605 - Porto, 117.



A "PHOSPHATINA FALIÈRES"

é o alimento mais agradável e recommendado para as crianças desde a idade de 7 a 8 mezes principalmente na epoca do desmamentamento e durante o periodo do desenvolvimento. *Facilita a digestão e assegura a boa formação dos ossos, Impede a diarrhéa, tão frequente nas crianças.*

PARIS, 6, Rue de la Tacherie, e em todas as PHARMACIAS e BOAS MERCERIAS.



E' O PREFERIDO PELO VERDADEIRO SPORTSMAN

Todos os automobilistas que teem experimentado

o

Pneu Goodrich

não querem mais outra marca

porque a sua **QUALIDADE**

justifica a sua devisa

SUPERIOR ao MELHOR

A' venda

Castanheira, Lima & Rugeroni, L.da, Rocio - LISBOA

ROMARIZ, ABRANCHES & PISTACCHINI, Rua Santa
Marta - LISBOA
MAGALHÃES & MONIZ L.^{da}, L. dos Loios, 11 - PORTO
ANTONIO FERNANDES & FILHO - COIMBRA
SIMÕES & FLORIVAL - EVORA

ZENHA & C.^o - BRAGA
JOSE MARIA DIONIZIO JUNIOR - VIZEU
AUTO GARAGE GOUVEENSE - GOUVEIA
AUTO GARAGE - COVILHA
JOAQUIM MANUEL PICÃO FERNANDES - ELVAS
COELHO & BRANDÃO - VIANA DO CASTELO

AGENCIA GERAL DOS PNEUS GOODRICH. Rua 1.^o de Dezembro, 82, 2.^o - LISBOA